

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Coro Casa da Música

Ensemble Vocal Pro Musica

Stefan Blunier direção musical

Sara Braga Simões soprano

André Baleiro barítono

22 mar 2024 · 21:30 Sala Suggia

CONCERTOS DE PÁSCOA



casa da música

MECENAS CASA DA MÚSICA



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Arnold Schoenberg

Um sobrevivente de Varsóvia, op. 46,

para narrador, coro masculino e orquestra (1947; c. 7min)

Johannes Brahms

Um Requiem Alemão, op. 45,

para solistas, coro e orquestra (1868; c. 70min)

1. Felizes os que sofrem (coro)
2. Todo o ser mortal é como erva (coro)
3. Senhor, ensina-me (barítono e coro)
4. Como são apazíveis as tuas moradas (coro)
5. Agora estais tristes (soprano e coro)
6. Aqui não temos uma cidade permanente (barítono e coro)
7. Felizes os mortos (coro)

Concerto sem intervalo.

Textos originais e traduções nas páginas 6 a 11.

Este programa mostra duas formas muito diferentes de incorporar musicalmente um sentido particular de espiritualidade, de fé e de esperança, por entre a guerra e a paz, o luto e a luz. Os dois compositores que o habitam, embora comunguem de uma formação assente no referencial do Romantismo germânico, encontraram mais tarde terrenos estéticos muito diferentes para as suas obras, cuja justaposição ilumina ambos os casos.

Johannes Brahms, herdeiro do ideal beethoveniano, alemão e agnóstico nascido no século XIX em contexto predominantemente luterano, traz uma expressão espiritual alheia às convenções do culto e focada sobretudo na consolação dos vivos mais do que na morte, com um pendor mais universalista. Arnold Schoenberg — um acérrimo defensor de Brahms — era austríaco, judeu nascido num país maioritariamente cristão, entretanto convertido ao luteranismo mas reconvertido em 1933, em plena ascensão nazi, numa atitude de oposição e de assunção de raízes culturais que enquadrava um forte fervor sionista. Desde a reconversão dedicou-se orgulhosamente à escrita de música coral que incorporasse temas da história judaica.

Arnold Schoenberg

VIENA, 1874 – LOS ANGELES, 1951

***Um sobrevivente de Varsóvia*, op. 46, para narrador, coro masculino e orquestra**

Um Sobrevivente de Varsóvia surgiu em 1947 (após o fim da Segunda Guerra Mundial e pouco antes da criação do Estado de Israel) e baseia-se num relato chegado ao compositor com a descrição do momento em que judeus deportados do Gueto de Varsóvia, a caminho das câmaras de gás, encontram coragem ao

cantar o *Shemá Israel*, uma das preces centrais do judaísmo (“Escuta, Israel! O Senhor é nosso Deus; o Senhor é único”). A bailarina e coreógrafa Corinne Chochem teve a ideia inicial e conversou com Schoenberg sobre os contornos de uma eventual encomenda deste teor, entretanto abortada por inviabilidade financeira. Schoenberg retomaria o trabalho em Julho, na sequência de uma encomenda da Fundação Koussevitzky, para a qual decidiu adequar o projecto.

Na peça, a história é contada por um narrador que declama o texto de Schoenberg em *sprechstimme* (“voz falada”, meio-termo entre discurso falado e voz cantada, que no caso desta peça prescinde mesmo de indicações de altura definida). O efectivo orquestral inclui, a par dos sopros e cordas expectáveis, vários instrumentos de percussão (incluindo xilofone) e todo o grupo é abordado essencialmente de maneira camerística, pontuando e ilustrando, com minúcia, intensidade e recorte, as palavras e nuances do texto. A sintaxe musical, que justapõe pequenos motivos díspares, criando contrastes abruptos e fugazes, acentua ainda mais o impacto de uma mensagem já pungente, cuja aspereza é exacerbada pela linguagem dodecafónica que subjaz à peça, redobrando o sentido semântico do todo. Os momentos de *tutti* têm essencialmente uma função de acumulação de tensão, sendo incontornável o efeito avassalador da entrada do coro no final.

Esta obra tão breve, mas tão intensa, de mensagem fortíssima e expressão emocional directa e acessível, constitui certamente uma das mais eficazes portas de entrada para a produção dodecafónica de Schoenberg, independentemente de clivagens estéticas e diferenças de culto religioso — ou de quaisquer outras formas de fronteira.

PEDRO ALMEIDA, 2024*

Johannes Brahms

HAMBURGO, 1833 – VIENA, 1897

Um Requiem Alemão, op. 45

O *Requiem* de Brahms é uma obra de cariz espiritual e religioso, mas não litúrgica, não seguindo o modelo da *Missa de Requiem* católica, nem a Bíblia latina. Brahms não pretende lamentar ou glorificar os mortos, mas sim consolar os que ficam, oferecendo-lhes conforto e esperança na Ressurreição. O título escolhido — *Um Requiem Alemão* — reflecte desde logo o uso de textos extraídos da “Bíblia Alemã” (*Biblia Germanica*), isto é, da Bíblia na tradução de Lutero e seus colaboradores, considerada imperfeita pela Igreja Católica e que, nas primeiras edições, chegou a incluir alguns dos textos apócrifos. Antes de Brahms, outros compositores germânicos escreveram *Requiem*s “alemães”, baseados ou na Bíblia Luterana ou em textos da liturgia protestante, não seguindo a liturgia católica. Entre as mais significativas destas obras refiram-se aquelas de Heinrich Schütz, Michael Praetorius, Michael Haydn e Franz Schubert. O uso do artigo indefinido “um” no título de Brahms é, aliás, uma referência a isso mesmo — trata-se de “um” *Requiem* alemão e não “do” *Requiem* alemão.

A religiosidade de Brahms constitui um aspecto complexo da sua personalidade. Oficialmente sempre se declarou um agnóstico convicto, rejeitando convenções e formas institucionalizadas de culto. No entanto, compôs inúmeras obras corais de cariz espiritual e religioso, tendo sido um leitor atento e constante da Bíblia luterana, numa edição que lhe foi oferecida no dia do nascimento e que transportou sempre consigo até à morte. Como muitos outros “não-crentes”, encontrou espiritualidade, nobreza e exaltação em muitos

versos e passagens da Bíblia. A epistolografia de Brahms revela, aliás, um conhecimento detalhado das Escrituras e uma capacidade de interpretação extremamente subtil e refinada. Para o *Requiem* op. 45 estabeleceu uma breve compilação de fragmentos extraídos dos dois testamentos e dos evangelhos apócrifos, uma compilação que se distancia significativamente da convencional *Missa de Requiem*, omitindo por completo os horrores do Juízo Final (um elemento central da liturgia católica), não mencionando a figura de Cristo, nem contendo qualquer oração dedicada aos mortos. Há mesmo vários críticos que afirmam não estarmos perante um *Requiem*, pois as divergências em relação a esse género são demasiado importantes. Por outro lado, é esta distância em relação a uma “norma” que parece ter garantido ao *Requiem* de Brahms um lugar perene no repertório coral-sinfónico europeu. Ao não ser litúrgico, ao não se deixar associar a nenhuma religião específica e ao manter-se num plano de “pura” espiritualidade, esta obra acaba por ser aceite por todas as confissões religiosas. Brahms constrói um grande ritual de consolação dos vivos, não fazendo referência explícita à morte, mas sim louvando Deus e a Criação. Neste sentido, aproxima-se também do *Kaddish* hebraico — a celebração da morte sem nunca a nomear.

Um Requiem Alemão foi composto entre 1857 e 1868, uma longa década durante a qual a ideia de morte e consolação preocupava o jovem Brahms. A 29 de Julho de 1856 morreu Robert Schumann e muito se tem especulado sobre a influência desse facto na origem desta obra. Em Janeiro de 1865 morreu a mãe do compositor e também esta morte tem sido associada às fontes de inspiração directa para o *Requiem*. No entanto, e sem retirar importância emocional a estas perdas, convém recordar

que o próprio Brahms afirmou não estarmos perante uma obra dedicada a um indivíduo, mas sim pensada “para toda a humanidade”. Por um lado, a ideia de compor um *Requiem* já existia antes da morte de Schumann; por outro, o *Requiem Alemão* estava essencialmente acabado quando da morte da mãe de Brahms, aspectos que relativizam uma associação directa da génese da obra com estas mortes concretas.

Em 1857, Brahms, então com 24 anos, vivia entre Hamburgo, Detmold e Göttingen, no espaço cultural do Norte da Alemanha, na esperança de conseguir o posto de director da orquestra de Hamburgo. Em 1858 completa o Concerto para piano e orquestra em Ré menor, op. 15, pensado originariamente como um *Requiem* e cujo segundo andamento é normalmente considerado uma homenagem fúnebre a Robert Schumann. A estreia do concerto em Leipzig foi um fracasso, com os partidários da Nova Escola Alemã (defensores de Liszt, Berlioz e Wagner) a tecerem violentas críticas ao “velho” (então com 25 anos) Brahms. Em 1862 parte para Viena e, em 1863, é eleito director da *Singakademie* de Viena. À frente desta sociedade coral, e devido ao reduzido orçamento de que dispunha, Brahms vem a dirigir muitas obras de música a *cappella* — Schütz, Gabrieli, Rovetta e Bach. Em 1864 dá-se a separação dos seus pais, em 1865 a morte da mãe e, em 1866, toma a decisão final de se fixar definitivamente em Viena. Assim, os onze anos de composição do *Requiem Alemão* são caracterizados por uma grande incerteza e instabilidade profissional, a par de golpes dolorosos do destino. Em certa medida, *Um Requiem Alemão* representa o oposto desta situação, oferecendo uma visão de estabilidade, segurança e confiança num Além transcendente, mas espiritualmente palpável.

Antes da estreia da versão definitiva (a 18 de Fevereiro de 1869, em Leipzig), *Um Requiem Alemão* foi apresentado em Viena, em Janeiro de 1868 (só os primeiros três andamentos), e na Catedral de Bremen, a 10 de Abril do mesmo ano, sob a direcção de Brahms, na versão ainda sem o actual quinto andamento. O público teve uma reacção entusiástica (incluindo choro e comoção generalizada), mas o pai de Brahms apenas o felicitou com admiração e aprovação. Um mês mais tarde, sentindo que algo faltava, Brahms compôs um andamento adicional, um “Andante” sereno e meditativo dedicado à sua mãe e que contém os versos: “Quero consolar-vos, como as mães sabem consolar”.

1. Selig sind, die da Leid tragen

[Felizes os que sofrem]

O andamento inicial, baseado numa passagem do *Evangelho segundo S. Mateus* (5, 4), é uma lenta introdução em Fá maior, de timbre geral escuro e saturado, prescindindo dos primeiros violinos e afirmando progressivamente um gesto poderoso e enfático.

2. Denn alles Fleisch, es ist wie Gras

[Todo o ser mortal é como erva]

Sobre um fundo de marcha fúnebre, na tonalidade “fúnebre” de Si bemol menor, e fazendo uso de ritmos pesados, o coro proclama a inevitabilidade do destino humano, a desintegração do corpo em terra e em erva. Brahms utiliza aqui os chamados “versos proibidos” do Evangelho (apócrifo) de S. Pedro, que não se encontram nem na Bíblia católica, nem na actual Bíblia luterana. No entanto, Lutero (na Bíblia de 1534) incluiu estes textos, que considerava como “não sendo do mesmo valor das Escrituras, mas muito úteis e dignos de serem lidos”.

Originalmente este excerto foi concebido por Brahms como o terceiro andamento (Scherzo) de uma planeada sinfonia, que acabou sendo o Concerto para piano e orquestra n.º 1, em Ré menor.

3. Herr, lehre doch mich

[Senhor, ensina-me]

No terceiro andamento, em Ré menor, o barítono solista e o coro começam por questionar o sentido e o carácter transitório da existência, conduzindo progressivamente o discurso para uma afirmação divina eloquente, culminando numa apoteótica dupla fuga. Esta tornar-se-ia famosa, entre outras razões, pelo virtuosismo da escrita de Brahms, que consegue manter uma “nota pedal” (ré) ao longo de toda a fuga, símbolo da estabilidade e perenidade da alma.

4. Wie lieblich sind deine Wohnungen

[Como são aprazíveis as tuas moradas]

Depois da enorme intensidade e densidade dos três andamentos precedentes, o quarto andamento — uma serena e idílica *pastorale* — oferece um espaço à contemplação e ao descanso. Escrito em Mi bemol maior, tem a função de um “intermezzo” coral.

5. Ihr habt nun Traurigkeit

[Agora estais tristes]

Um antiga tradição alemã parece ter inspirado Brahms para este andamento: no momento de descer a urna à terra, uma criança aproximava-se do túmulo e cantava um hino de despedida, hino esse que era repetido por estrofes, pelos demais participantes nas cerimónias fúnebres. Aqui é uma soprano que assume esse papel: acompanhada pelos sopros e cordas com surdina, canta uma melodia elegíaca, que é comentada pelo coro em contidos blocos quase *a cappella*. Estabelece-se uma relação

com o terceiro andamento: onde ali o barítono solista cantava a dor e a dúvida existencial, aqui cabe à soprano transmitir uma mensagem maternal, de apaziguamento e consolação. Escrito em Sol maior, este andamento foi acrescentado só depois de Brahms ter ouvido a primeira versão do *Requiem*.

6. Denn wir haben hie keine bleibende Statt

[Aqui não temos uma cidade permanente]

A permanente inquietação e temporaneidade da existência, o “estar de passagem” que define a vida humana, é simbolicamente representado por Brahms através de um andamento agitado, dramático, cheio de som e energia, nas tonalidades de Dó menor e Dó maior. A “escada de Jacob” é sugerida por rápidas linhas ascendentes e descendentes que passam por todos os instrumentos, culminando numa poderosa afirmação final (“A morte foi devorada pela vitória”). O estilo recorda o Händel do *Messias* (com o qual Brahms comparte o uso de uma passagem da “Carta aos Coríntios”), incluindo mais uma fuga dupla — majestosa e cheia de júbilo.

7. Selig sind die Toten

[Felizes os mortos]

O último andamento retoma elementos melódicos do primeiro, aproximando os versos “Serão consolados” desse andamento com a frase “Felizes os mortos que, desde agora, morrem no Senhor”. Com este andamento lento e majestoso, em Fá maior, completa-se assim um círculo, conferindo unidade à obra e revelando a serenidade fundamental da concepção brahmsiana da morte.

PAULO DE ASSIS, 2011*

* Os autores não aplicaram o Acordo Ortográfico de 1990.

Arnold Schoenberg

Um Sobrevivente de Varsóvia, op. 46

NARRADOR

I cannot remember ev'rything! I must have been unconscious [most] of the time...! I remember only the grandiose moment when they all started to sing, as if prearranged, the old prayer they had neglected for so many years — the forgotten creed!

But I have no recollection how I got underground to live in the sewers of Warsaw for so long a time...

The day began as usual. Reveille when it still was dark. "Get out!" Whether you slept or whether worries kept you awake the whole night. You had been separated from your children, from your wife, from your parents. You don't know what happened to them... How could you sleep?

The trumpets again. "Get out! The sergeant will be furious!" They came out; some very [slowly], the old ones, the sick ones, some with nervous agility. They fear the sergeant. They hurry as much as they can. In vain! Much too much noise, much too much commotion! And not fast enough!

The Feldwebel shouts! "Achtung! Stilljstanden! Na wird's mal, oder soli ich mit dem Jewehrkolben nachhlfen? Na jut, wenn ihr's durchaus haben wollt!"

The sergeant and his subordinates hit [everyone]: young or old, [strong or sick,] guilty or innocent... It was painful to hear them groaning and moaning.

Não consigo lembrar-me de tudo. Devo ter estado inconsciente a maior parte do tempo... Lembro-me apenas do momento grandioso em que todos eles começaram a cantar, como se tivessem combinado, a velha oração que tinham negligenciado por tantos anos — a profissão de fé esquecida!

Mas não tenho qualquer lembrança de como fui parar aos subterrâneos e passei a viver nos esgotos de Varsóvia durante tanto tempo...

O dia começou como era habitual. O toque de alvorada, estava o céu ainda escuro. "Saiam!" Quer se tivesse dormido, quer a noite tivesse sido passada em claro por quaisquer preocupações. Todos tinham sido separados dos seus filhos, da sua mulher, dos seus pais. Não se sabia o que tinha acontecido com eles... Como podiam dormir?

Os trompetes outra vez. "Saiam! O sargento vai ficar furioso!" Eles saíram; uns muito lentamente, os velhos, os doentes; outros com uma agilidade nervosa. Temem o sargento. Apressam-se o mais que podem. Em vão! Demasiado barulho, demasiada agitação! E não suficientemente rápido!

O Feldwebel [sargento] grita: "Atenção! Apressem-se, ou é preciso ajudar-vos com a minha espingarda? Bem, se é isso que querem!"

O sargento e os seus subordinados bateram em todos: novos ou velhos, [fortes ou doentes,] culpados ou inocentes... Era doloroso ouvi-los a murmurar e a gemer.

I heard it though I had been hit very hard, so hard that I could not help falling down. We all on the [ground] who could not stand up were [then] beaten over the head...

I must have been unconscious. The next thing I heard was a soldier saying, "They are all dead!" Whereupon the sergeant ordered to do away with us.

There I lay aside half conscious. It had become very still — fear and pain. — Then I heard the sergeant shouting, "Abzählen!"

They started slowly, and irregularly: one, two, three, four, "Achtung!" The sergeant shouted again, "Rascher! Nochmal von vorn anfangen! In einer Minute will ich wissen wieviele ich zur Gaskammer abliefern! Abzählen!"

They began again, first slowly: one, two, three, four, became faster and faster, so fast that it finally sounded like a stampede of wild horses, and [all] of a sudden, in the middle of it, they began singing the SHEMA YISROEL.

CORO

*Shema Ysroel
Adōnoy elōhenoo, Adōnoy ehod
Veohavto es Adōnoy elōheho behol
levoveho oovehol nafsheho [oovehol
meōdeho] Vehoyoo haddevoreem hoelleh
asher onōhee metsavveho hayyōm al
levoveho Veshinnantom levoneho
vedibbarto bom [beshivteho beveteho]
oovelehtebo baddereh
ooveshobeho oovekoomeho.*

— Textos de Schoenberg baseados em relatos recolhidos direta e indiretamente (Narrador) e Deuterónimo 6, 4-7 (Coro)

Eu ouvia embora me tivessem batido muito violentamente, tanto que não consegui evitar cair. Todos os que estávamos no chão e que não nos conseguíamos segurar em pé éramos então espancados na cabeça...

Devo ter estado inconsciente. Então apercebi-me de um soldado a dizer: "Estão todos mortos!" Nessa altura o sargento ordenou que se livrassem de nós.

Eu estava ali esquecido, semiconsciente. Tudo se tinha tornado muito quieto — medo e dor. — Ouvi então o sargento a gritar: "Contem!"

Começaram lentamente e de forma irregular: um, dois, três, quatro, "Atenção!" Gritou novamente o sargento, "Mais depressa! Comecem outra vez! Num minuto quero saber quantos há para enviar para a câmara de gás! Contem!"

Começaram outra vez, primeiro lentamente: um, dois, três, quatro, depois cada vez mais rápido e mais, tão rápido que acabou por soar como uma debandada de cavalos selvagens, e de repente, no meio daquilo, eles começaram a cantar o SHEMA ISRAEL.

Escuta, Israel!

O Senhor e só ele é o nosso Deus.

Ama o Senhor, teu Deus, com todo o coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças.

Que os mandamentos que hoje te dou estejam sempre na tua memória.

Ensina-os continuamente aos teus filhos e repete-os, tanto ao deitar como ao levantar, quer estejas em casa, quer vás de viagem.

Tradução: Fernando P. Lima (Narrador) e a *BÍBLIA para todos*, Tradução Interconfessional. © 1993, 2009 Sociedade Bíblica de Portugal (Coro).

Johannes Brahms

Um Requiem Alemão

1. Selig sind, die da Leid tragen

CORO

*Selig sind, die da Leid tragen,
denn sie sollen getröstet werden.*

*Die mit Tränen säen,
werden mit Freuden ernten.*

*Sie gehen hin und weinen,
und tragen edlen Samen,
und kommen mit Freuden,
und bringen ihre Garben.*

*Selig sind, die da Leid tragen,
denn sie sollen getröstet werden.*

— Mateus 5, 4; Salmo 126, 5-6

2. Denn alles Fleisch es ist wie Gras

CORO

*Denn alles Fleisch es ist wie Gras und alle
Herrlichkeit des Menschen wie des Grases Blumen.
Das Gras ist verdorret und die Blume abgefallen.*

*So seid nun geduldig, lieben Brüder,
bis auf die Zukunft des Herrn.
Siehe ein Ackermann wartet
auf die köstliche Frucht der Erde
und ist geduldig darüber, bis er empfahe
den Morgenregen und Abendregen.*

*Denn alles Fleisch es ist wie Gras und alle
Herrlichkeit des Menschen wie des Grases Blumen.
Das Gras ist verdorret und die Blume abgefallen.*

*Aber des Herrn Wort
bleibet in Ewigkeit.*

Felizes os que sofrem

Felizes os que sofrem,
porque serão consolados.

Quem semeia com lágrimas
colherá com alegria.

Vão a chorar,
levando boas sementes,
e voltam alegremente,
trazendo as suas espigas.

Felizes os que sofrem,
porque serão consolados.

Todo o ser mortal é como erva

Todo o ser mortal é como erva
e a glória do homem como a flor.
A erva seca e a flor murcha.

Sede, pois, pacientes, queridos irmãos,
esperando a volta do Senhor.
Vede que também o lavrador
espera os frutos preciosos da terra,
aguardando pacientemente
as chuvas da manhã e da noite.

Todo o ser mortal é como erva
e a glória do homem como a flor.
A erva seca e a flor murcha.

Mas a palavra do Senhor
permanece para sempre.

*Die Erlöseten des Herrn werden wiederkommen,
und gen Zion kommen mit Jauchzen;
Freude, ewige Freude wird über ihrem Haupte sein;
Freude und Wonne werden sie ergreifen,
und Schmerz und Seufzen wird weg müssen.*

— I Pedro 1, 24; Tiago 5, 7; I Pedro 1, 25; Isaías 35, 10

3. Herr, lehre doch mich

BARÍTONO E CORO

*Herr, lehre doch mich,
daß ein Ende mit mir haben muß,
und mein Leben ein Ziel hat,
und ich davon muß.*

*Siehe, meine Tage
sind einer Handbreit vor dir,
und mein Leben ist wie nichts vor dir.*

*Herr, lehre doch mich,
daß ein Ende mit mir haben muß,
und mein Leben ein Ziel hat,
und ich davon muß.*

*Ach wie gar nichts sind alle Menschen,
die doch so sicher leben.
Sie gehen daher wie ein Schemen,
und machen ihnen viel vergebliche Unruhe;
sie sammeln und wissen nicht wer es kriegen wird.*

Nun Herr, wes soll ich mich trösten?

Ich hoffe auf dich.

*Der Gerechten Seelen sind in Gottes Hand,
und keine Qual rühret sie an.*

— Salmo 39, 5-8; Sabedoria 3, 1

Os eleitos do Senhor hão de voltar,
e regressar a Jerusalém com alegria;
alegria, alegria eterna virá sobre eles;
hão de possuir a alegria e o bem-estar,
e a dor e tristeza desaparecerão.

Senhor, ensina-me

Senhor, ensina-me a compreender
que hei de ter um fim,
que a minha vida tem uma meta
e que eu tenho de partir.

Repara que os meus dias
são um palmo diante de ti,
e que a minha vida é nada aos teus olhos.

Senhor, ensina-me a compreender
que hei de ter um fim,
que a minha vida tem uma meta
e que eu tenho de partir.

Oh, o homem não vale coisa nenhuma
e, no entanto, vive tão seguro.
Ele passa como uma sombra,
mas constrói cuidados vãos;
junta muito e não sabe quem vai receber.

Mas agora, Senhor, quem me vai consolar?

Eu confio em ti.

A alma dos justos está nas mãos do Senhor,
e nenhum mal os tocará.

4. Wie lieblich sind deine Wohnungen

CORO

*Wie lieblich sind deine Wohnungen,
Herr Zebaoth!*

*Meine Seele verlangt und sehnet sich
nach den Vorhöfen des Herrn;
mein Leib und Seele freuen sich
in dem lebendigen Gott.*

*Wie lieblich sind deine Wohnungen,
Herr Zebaoth!*

*Wohl denen, die in deinem Hause wohnen,
die loben dich immerdar.*

— Salmo 84, 2, 3, 5

5. Ihr habt nun Traurigkeit

SOPRANO E CORO

*Ihr habt nun Traurigkeit;
aber ich will euch wieder sehen
und euer Herz soll sich freuen und eure
Freude soll niemand von euch nehmen.*

*Ich will euch trösten,
wie einen seine Mutter tröstet.*

*Sehet mich an:
Ich habe eine kleine Zeit
Mühe und Arbeit gehabt
und habe großen Trost gefunden.*

*Ich will euch trösten,
wie einen seine Mutter tröstet.*

*Ihr habt nun Traurigkeit;
aber ich will euch wieder sehen
und euer Herz soll sich freuen und eure
Freude soll niemand von euch nehmen.*

*Ich will euch trösten,
wie einen seine Mutter tröstet.*

— João, 16, 22; Isaías 66, 13; Ben Sira 51, 27

Como são aprazíveis as tuas moradas

Como são aprazíveis as tuas moradas,
Senhor Deus do Universo!

A minha alma suspira
pelos átrios do Senhor;
todo o meu ser exulta
no Deus vivo.

Como são aprazíveis as tuas moradas,
Senhor Deus do Universo!

Feliz o que vive na tua casa,
e te louva sem cessar.

Agora estais tristes

Agora estais tristes;
mas voltarei a ver-vos
e o vosso coração há de alegrar-se,
e ninguém vos poderá tirar a alegria.

Quero consolar-vos,
como as mães sabem consolar.

Olhai para mim:
Durante algum tempo
tive de sofrer e trabalhar,
mas encontrei grande consolação.

Quero consolar-vos,
como as mães sabem consolar.

Agora estais tristes;
mas voltarei a ver-vos,
e o vosso coração há de alegrar-se,
e ninguém vos poderá tirar a alegria.

Quero consolar-vos,
como as mães sabem consolar.

6. Denn wir haben hie keine bleibende Statt

BARÍTONO E CORO

*Denn wir haben hie keine bleibende Statt,
sondern die zukünftige suchen wir.*

*Siehe, ich sage euch ein Geheimnis:
Wir werden nicht alle entschlafen,
wir werden aber alle verwandelt werden;
und dasselbige plötzlich, in einem Augenblick,
zu der Zeit der letzten Posaune.*

*Denn es wird die Posaune schallen,
und die Toten werden auferstehen unverweslich,
und wir werden verwandelt werden.*

*Dann wird erfüllet werden
das Wort, das geschrieben steht:*

*Der Tod ist verschlungen in den Sieg.
Tod, wo ist dein Stachel?
Hölle, wo ist dein Sieg?*

*Herr, du bist würdig zu nehmen
Preis und Ehre und Kraft,
denn du hast alle Dinge geschaffen,
und durch deinen Willen
haben sie das Wesen und sind geschaffen.*

— Hebreus 13, 14; I Coríntios 15, 51-52, 54-55;
Apocalipse 4, 11

7. Selig sind die Toten

CORO

*Selig sind die Toten,
die in dem Herren sterben, von nun an.*

*Ja der Geist spricht,
daß sie ruhen von ihrer Arbeit,
denn ihre Werke folgen ihnen nach.*

*Selig sind die Toten,
die in dem Herren sterben, von nun an.*

— Apocalipse 14, 13

Aqui não temos uma cidade permanente

Aqui não temos uma cidade permanente,
mas procuramos uma cidade futura.

Eis que vos comunico um segredo:
Nem todos havemos de morrer,
mas todos seremos transformados;
e isto acontecerá de repente,
num instante, quando soar a última trombeta.

Soará, pois, a trombeta
e os mortos ressuscitarão incorruptíveis
e seremos transformados.

Então vai cumprir-se
a Palavra da Escritura:

A morte foi devorada pela vitória.
Morte, onde está o teu poder?
Inferno, onde está a tua vitória?

Senhor, tu és digno de receber
o louvor, a honra e o poder,
porque criaste todas as coisas,
através do teu querer
devem a sua essência e existem.

Felizes os mortos

Felizes os mortos
que, desde agora, morrem no Senhor.

Sim, o Espírito atesta
que descansarão dos seus trabalhos
e que as suas obras os vão seguir.

Felizes os mortos,
que, desde agora, morrem no Senhor.

Tradução: José Maria Pedrosa Cardoso,
gentilmente cedida pela Fundação C. Gulbenkian.

Stefan Blunier direção musical

Stefan Blunier tornou-se maestro titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música no início de 2021. A história de sucesso desta formação continua em 2023/24, com a profícuca colaboração entre maestro e orquestra em inúmeros concertos no Porto. Compromissos recentes levaram-no também à Orquestra Nacional de Lille, à Filarmónica de Copenhaga, à Orquestra da Suíça Romanda, à Sinfónica de Berna, à Orquestra Estatal de Darmstadt, à Sinfónica da Ópera de Toulon e à Sinfónica de Singapura.

Na sequência do êxito de *Wozzeck* de Berg, no Grand Théâtre de Genève, em 2017, Blunier foi imediatamente convidado para uma nova produção de *O Barão Cigano*. Dirigiu depois *Lohengrin* na Ópera de Frankfurt, onde foi bem-sucedido com *Daphne*, *Tristão e Isolda* e *Carmen*. É convidado frequente da Ópera Alemã de Berlim, onde se apresentou com *Carmen*, *Salomé* e *O Morcego*. Subiu aos pódios para *Diálogos das Carmelitas* de Poulenc na Ópera Estatal de Hamburgo, bem como para *Os Contos de Hoffmann* na Den Norske Opera (Oslo) e na Komische Oper (Berlim), e ainda para uma nova produção de *Der ferne Klang* de Schreker na Ópera Real Sueca. Regressou à Deutsche Oper am Rhein Düsseldorf/Duisburg para dirigir *Macbeth*, de Verdi. Ainda no campo operático, passou por cidades como Munique, Hamburgo, Leipzig, Estugarda, Montpellier, Oslo, Berna e Londres.

Com produções como *Der Golem* de Eugen d'Albert e *Irrelohe* de Schreker, Blunier ajudou a Orquestra Beethoven e a Ópera de Bona a conquistarem prestígio para lá da sua região, durante o período em que foi diretor geral de música da cidade, até 2016. Ambas as óperas foram editadas pela Dabringhaus & Grimm e

receberam vários prémios: ECHO 2011 (*Golem*) e 2012 (*Irrelohe*), bem como o Prémio da Crítica Discográfica Alemã 2012 (*Irrelohe*). O seu trabalho com esta orquestra incluiu uma impressionante discografia, com obras raramente apresentadas de Bruckner, Liszt e Schmidt, bem como um ciclo dedicado a Beethoven.

Como convidado, dirigiu praticamente todas as orquestras sinfónicas das rádios alemãs, a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, a Sinfónica de Duisburg, o Frankfurt Museumskonzerte e muitas orquestras da Dinamarca, da Bélgica, do Extremo Oriente, da Suíça e de França. Entre os seus compromissos recentes, destacam-se a Sinfónica NHK, a Sinfónica Escocesa da BBC, a Sinfónica Nacional da Irlanda, a Filarmónica de Estugarda, a Sinfónica do Porto Casa da Música, a Staatsphilharmonie Rheinland-Pfalz, a Filarmónica do Sul dos Países Baixos, a Rádio Norueguesa e a Century Symphony Orchestra de Osaka. Paralelamente aos seus compromissos em Bona, foi maestro convidado principal da Orquestra Nacional da Bélgica (2010-2013).

Natural de Berna (Suíça), Stefan Blunier estudou piano, trompa, composição e direção de orquestra na sua cidade natal e na Escola Superior Folkwang, em Essen. É fundador do Ensemble für Neue Musik Essen. Depois do sucesso alcançado nos concursos de direção de Besançon e Malko, foi nomeado maestro titular associado em Mannheim e diretor musical/maestro titular em Darmstadt (2001-2008), antes de assumir o seu mandato como diretor geral de música da Ópera e da Orquestra Beethoven de Bona (2008-2016).

Sara Braga Simões soprano

A versatilidade de Sara Braga Simões leva-a aos principais palcos portugueses e a países como Reino Unido, França e Espanha.

Em ópera, interpretou dezenas de papéis principais dos quais se destacam Pamina (*A Flauta Mágica*), Gretel (*Hänsel und Gretel*, de Humperdinck), Susanna (*As Bodas de Fígaro*), Rosina (*O Barbeiro de Sevilha*), Adina (*O Elixir do Amor*), The Governess (*The Turn of the Screw*), Mabel (*O Rei dos Piratas*), Rita (*Donizetti*), Zerlina (*Don Giovanni*) e Despina (*Così fan tutte*), dirigida por encenadores como Ricardo Pais, Luís Miguel Cintra e João Botelho.

O seu repertório de concerto inclui a *Missa em Dó menor e Exultate Jubilate* de Mozart, *Messias* de Händel, *Les illuminations* de Britten, *Um Requiem Alemão* de Brahms, *Gloria* de Poulenc, *Dona Nobis Pacem* de Vaughan Williams, *Des Knaben Wunderhorn* de Mahler, *Carmina Burana* de Orff e *Les nuits d'été* de Berlioz.

Cantou com a Orquestra Gulbenkian, Sinfónica Portuguesa, Metropolitana, Sinfónica do Porto Casa da Música, London Sinfonietta, Remix Ensemble, Músicos do Tejo, Ensemble Darcos, Orquestra do Norte, Orquestra de Câmara Portuguesa, Orquestra Clássica do Sul, Orquestra de Câmara da Universidade de Vigo, Filarmonia das Beiras e Orquestra Barroca de Mateus, entre outros agrupamentos. Foi dirigida por maestros como Ton Koopman, Laurence Cummings, Lawrence Renes, Martin André, Antonio Pirolli, Stefan Asbury, Peter Rundel, Johannes Willig, Rui Pinheiro, Marcos Magalhães, Pedro Neves, Ferreira Lobo, Cesário Costa, João Paulo Santos, Joana Carneiro, António Saiote, Marc Tardue e Brad Cohen.

Ao longo do seu percurso teve como mestres Manuela Bigail, Rui Taveira, Peter Harrison, Susan McCulloch e Elisabete Matos.

André Baleiro barítono

André Baleiro foi vencedor do 17.º Concurso Internacional R. Schumann, em Zwickau, do 9.º Concurso de Canto Lírico da Fundação Rotária Portuguesa, em Lisboa, do prémio “Most Promising Talent” do prestigiado Concurso Internacional Das Lied, em Heidelberg, bem como do concurso SWR Young Opera Stars de 2019. Recentemente foi galardoado com os segundos prémios no Concurso Internacional de Lied Helmut Deutsch (Viena) e no Concurso Internacional de Música de Câmara “Schubert e a Música Moderna” (Graz), na Áustria.

No palco operático tem-se destacado pelas interpretações de Pelléas (*Pelléas et Mélisande* de Debussy), Valentin (*Faust* de Gounod), Ford (*Falstaff* de Verdi), Orphée (Philip Glass), Tarquinius (*The Rape of Lucrecia*), Ned Keen (*Peter Grimes* de Britten) e Figaro (*O Barbeiro de Sevilha* de Rossini), em salas como o Teatro Nacional de São Carlos, a Fundação Gulbenkian e o Centro Cultural de Belém em Lisboa, a Kammeroper de Munique, o Teatro Pérez Galdós de Las Palmas, o Teatro Trier (Alemanha) e a Ópera de Wrocław (Polónia).

Do seu vasto repertório de concerto são de salientar as *Vespro della Beata Vergine* de Monteverdi, as *Paixões* de J. S. Bach, oratórias de Händel, missas de Mozart e Dvořák, *L'enfance du Christ* de Berlioz, a cantata *Dona nobis pacem* de Vaughan Williams, os *Requiem* de Fauré, Duruflé e Brahms, *Don Quichotte à Dulcinée* de Ravel, *Gurre-Lieder* de Schoenberg e *Carmina Burana* de Orff.

Tem colaborado com os maestros Michel Corboz, Stefan Blunier, Frédéric Chaslin, Greame Jenkins, Martin André, Moritz Gnann, Antonio Pirolli, Andreas Spering, Joana Carneiro, Nabil Shehata, Lorenzo Viotti, Dinis Sousa e Nuno Coelho.

Ensemble Vocal Pro Musica

José Manuel Pinheiro maestro titular

Apresenta-se regularmente em recital com diversos pianistas interpretando repertórios em variadas línguas, estilos e épocas, sendo de destacar as colaborações de longa data com o maestro João Paulo Santos e com os pianistas David Santos e Pedro Costa. A música vocal moderna e contemporânea é desde sempre um dos seus focos de interesse. Nas últimas temporadas tem cooperado no projeto *Liederwerkstatt* liderado por Axel Bauni — no âmbito do Festival Kissinger Sommer, na Alemanha —, dedicado à encomenda e estreia de obras para canto e piano a conceituados compositores como Aribert Reimann e Wolfgang Rihm.

O barítono português iniciou a sua formação musical aos 10 anos, no Instituto Gregoriano de Lisboa, e a sua formação vocal aos 15 com Elsa Cortez. É licenciado em Direção Coral e Formação Musical pela Escola Superior de Música de Lisboa. Como bolseiro da Fundação Hamel em Hanôver e da Fundação Gulbenkian em Lisboa, estudou Canto na Universidade das Artes de Berlim, na classe de Siegfried Lorenz, e aprofundou o seu conhecimento e interpretação do repertório de *Lied* com Eric Schneider. Além disso, tem frequentado masterclasses com cantores consagrados como Tom Krause, Ian Bostridge, Lorenzo Regazzo e José van Dam. Atualmente prossegue o seu aperfeiçoamento técnico e artístico com Snežena Stamenković, em Mannheim.

O Ensemble Vocal Pro Musica é um projeto de interligação escola-comunidade, fundado em 1991 por José Manuel Pinheiro e alguns dos seus alunos. Inicialmente integraram-no elementos oriundos de vários grupos que partilhavam uma mesma direção musical. Nos seus primeiros doze anos de existência, teve como objetivos a promoção e realização de concertos corais participados, favorecendo o intercâmbio, a interajuda e a sociabilização entre agrupamentos com diferentes características. Realizou nesse período cerca de 80 concertos (acompanhados por pianistas, pela Orquestra do Norte ou por quintetos de metais) em diversas igrejas e salas de concerto de Portugal. Nos últimos anos, teve como base de apoio um coro que foi criado no Curso de Música Silva Monteiro para corresponder às exigências curriculares da escola.

A etapa presente do EVPM passa pela aposta numa formação coral-sinfónica com cerca de 100 elementos, essencialmente oriundos do Conservatório de Música do Porto (com o qual tem um protocolo de cooperação), do Curso de Música Silva Monteiro e de outras escolas e universidades, mas aberta a toda a comunidade do Grande Porto que gosta de cantar e que tem alguma formação musical.

Em 2006 foi criada a Associação Ensemble Vocal Pro Musica, para responder à necessidade de o EVPM ter uma figura legal.

Dinamizar a atividade coral através de espetáculos diferentes, favorecer o gosto pelo canto em grupo e, muito especialmente, promover a investigação e a inovação na área coral são objetivos que se perseguem com particular atenção neste projeto.

Coro Casa da Música

Paul Hillier maestro emérito

Pedro Teixeira maestro adjunto

Fundado em 2009, o Coro Casa da Música é constituído por uma formação regular de 18 cantores, que se alarga a formação média ou sinfónica em função dos programas apresentados. Contou com Paul Hillier como maestro titular, até 2019, e tem sido também dirigido por outros maestros prestigiados no âmbito da música coral, como Martina Batič, Simon Carrington, Nicolas Fink, Antonio Florio, Robin Gritton, Sofi Jeannin, Andrew Parrott, Marco Mencoboni, Kaspars Putniņš, Nacho Rodríguez, Gregory Rose, Nils Schweckendiek, Léo Warynski e James Wood, além do seu maestro adjunto Pedro Teixeira. As suas participações em programas corais-sinfónicos levam-no a trabalhar com os maestros Martin André, Stefan Blunier, Douglas Boyd, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Michael Sanderling, Christoph König, Peter Rundel, Vassily Sinaisky e Takuo Yuasa, destacando-se ainda os programas de música antiga com especialistas como Laurence Cummings, Paul McCreesh e Hervé Niquet.

As temporadas do Coro Casa da Música revelam um repertório abrangente que se estende dos primórdios da polifonia medieval à nova música. Apresentou em estreia mundial obras de Francesco Filidei, Michael Gordon, Gregory Rose, Manuel Hidalgo, Carlos Caires e ainda uma partitura reencontrada de Lopes-Graça. Fez estreias nacionais de obras contemporâneas de Birtwistle, Manoury, Dillon, Haas ou Rihm, e tem interpretado outras figuras-chave dos séculos XX e XXI, como Lachenmann, Schoenberg, Stockhausen, Gubaidulina, Ligeti, Distler, Kagel ou Cage.

A música portuguesa tem sido um dos focos de atenção do Coro, com programas dedicados ao período de ouro da polifonia renascentista, a Lopes-Graça ou a obras corais-sinfónicas como o *Requiem à memória de Camões* de João Domingos Bomtempo e o *Te Deum* de António Teixeira — a que se junta, em 2024, o *Libera me* de Bomtempo. O seu primeiro disco, dedicado a Fernando Lopes-Graça, será brevemente editado pela Naxos.

As colaborações com os agrupamentos instrumentais da Casa da Música têm permitido ao Coro a interpretação de obras como: *Vésperas* de Monteverdi, *Te Deum* de Charpentier, *Missa em Si menor*, *Oratória de Natal* e *Magnificat* de Bach, *Messias* de Händel, *Gloria* de Vivaldi, *As Estações* e *A Criação* de Haydn, *Requiem* e *Missa em Dó menor* de Mozart, *Gurre-Lieder* de Schoenberg, *Sinfonia Coral* e *Missa Solemnis* de Beethoven, *Requiem Alemão* de Brahms, *Requiem* de Verdi, *Missa de Santa Cecília* de Haydn, *Credo* de Arvo Pärt, *Das klagende Lied* de Mahler, *Carmina Burana* de Orff e *Elektra* de Richard Strauss.

Na temporada de 2024, o Coro estreia uma nova obra para coro e orquestra de Daniel Moreira especialmente destinada a celebrar os 50 anos do 25 de Abril, sobre poemas de Sophia de Mello Breyner. Apresenta também obras de António Pinho Vargas, Sérgio Azevedo e Vasco Negreiros, num ano dedicado a Portugal que justifica regressos à música coral de Lopes-Graça e à polifonia renascentista.

As digressões do Coro Casa da Música já o levaram ao Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza e ao Auditório Nacional de Madrid, ao Festival Laus Polyphoniae em Antuérpia, ao Festival Handel de Londres, ao Festival de Música Contemporânea de Huddersfield, ao Festival Tenso Days em Marselha, aos Concertos de Natal de Ourense e a várias salas portuguesas.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, entre os quais Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

As residências artísticas da Casa da Música promovem colaborações com compositores de renome, como Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury, Rebecca Saunders, Enno Poppe e, já em 2024, Vasco Mendonça. A forte marca portuguesa nesta temporada assinala-se com duas estreias mundiais de Vasco Mendonça, e uma outra de Daniel Moreira especialmente destinada a celebrar os 50 anos do 25 de Abril, sobre poemas de Sophia de Mello Breyner; ou a colaboração com o solista João Barradas na interpretação do *Concerto para acordeão* de Luís Tinoco; ou a nova *Sinfonia Subjetiva* de António Pinho Vargas. A Orquestra evoca ainda a melhor música nacional de várias épocas, entre elas a *História Trágico-Marítima* de Fernando Lopes-Graça, sobre poemas de Miguel Torga, e vários títulos de Emmanuel Nunes.

As temporadas recentes foram marcadas por ciclos de integrais de Mahler, Prokofieff, Brahms, Bruckner, Beethoven, Rachmaninoff e Mozart. Em 2024 apresenta a integral dos concertos para piano de Prokofieff, convidando cinco solistas portugueses: Raúl da Costa, Artur Pizarro, Rafael Kyrychenko, João Xavier e Pedro Emanuel Pereira. São retomadas obras inesquecíveis como o *Requiem Alemão* de Brahms (com as vozes de Sara Braga Simões e André Baleiro), *Um sobrevivente em Varsóvia* de Schoenberg, *a Sagração da Primavera* de Stravinski e a *Terceira Sinfonia* de Mahler (com Natalya Boeva).

A Orquestra tem pisado os mais prestigiados palcos de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 apresentou-se na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2024 toca ao lado do Arditti Quartet no âmbito dos concertos Rasonanz, apresentados pelo ciclo Musica Viva da Rádio da Baviera.

A discografia recente da Orquestra inclui álbuns monográficos de Lopes-Graça (Naxos), Luca Francesconi, Unsuk Chin, Georges Aperghis, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös e Magnus Lindberg, além de inúmeros compositores portugueses, e conquistou duas distinções internacionais com o título *Follow the Songlines* e com um disco de obras de Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta à criação da Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, em 1947, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989), entretanto convertida na Orquestra Clássica do Porto (1992) e na Orquestra Nacional do Porto (1997). Já com a formação sinfónica e um quadro de 94 instrumentistas, foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, assumindo a atual designação em 2010.

Orquestra Sinfónica

Violino I

Evgeny Makhtin
Tünde Hadadi
Emília Vanguelova
José Despujols
Andras Burai
Roumiana Badeva
Alan Guimarães
Vadim Feldblioum
Evandra Gonçalves
José Pedro Rocha*
Mariana Cabral*
Raquel Santos*
Tiago Moreira*
Inês Cruz*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Catarina Martins
Lilit Davtyan
José Paulo Jesus
Mariana Costa
Karolina Andrzejczak
Pedro Rocha
Domingos Lopes
Paul Almond
Nikola Vasiljev

Viola

Mateusz Stasto
Anna Gonera
Luís Norberto Silva
Biliana Chamlieva
Jean-Loup Lecomte
Alexandre Aguiar*
Maria Almeida*
Rita Mendes*
Rita Costa*
Rita Barreto*

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Hugo Paiva*
Feodor Kolpachnikov
Michal Kiska
Aaron Choi
Hrant Yeranosyan
Ana Sofia Leão*
Beatriz Figueiredo*

Contrabaixo

Hans Stookhausen*
Florian Pertzborn
Joel Azevedo
Tiago Pinto Ribeiro
Nadia Choi
Altino Carvalho

Flauta

Paulo Barros
Ana Maria Ribeiro
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Margarida Martins*

Clarinete

Luís Silva
Gergely Suto

Fagote

Pedro Martinho*
Cândida Nunes
Vasily Suprunov

Trompa

Nuno Vaz
Hugo Sousa
José Bernardo Silva
Hugo Carneiro

Trompete

Sérgio Pacheco
Rui Brito
Luís Granjo

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias*
Sandro Andrade*

Harpa

Ilaria Vivan
Erica Versace*

Órgão

Pedro Monteiro*

* instrumentistas convidados

Coro Casa da Música

Sopranos

Alexandra Moura
Ana Caseiro
Ângela Alves
Cristina Pamplona
Joana Pereira
Liliana Coelho
Rita Venda
Teresa Milheiro

Contraltos

Ana Calheiros
Andreia Tiago
Bernardete Felisberto
Brígida Silva
Gabriela Braga Simões
Joana Guimarães
Joana Valente
Maria João Gomes
Sara Cruz
Svitlana Oksyuta

Tenores

Bernardo Pinhal*
Diogo Araújo*
Fábio Borges*
Gabriel Santos*
Gil Torres*
Gustavo Queirós*
João Paulo Santos*
João Pereira*
José Carlos Mateus*
Marcos Rosa*
Miguel Leitão*
Rui Paiva*
Vitor Sousa*

Baixos

Gustavo Godinho*
João Vasco Rodrigues*
Mário Pimentel*
Nuno Mendes*
Pedro Guedes Marques*
Pedro G. Ferreira*
Pedro Lopes*
Pedro Silva Marques*

Pedro Soares*
Pedro dos Santos*
Ricardo R. da Silva*
Ricardo Torres*

Ensemble Vocal Pro Musica

Sopranos

Clara Mancelos
Isabel Catarino
Isabel Pinto
Joana Costa
Lauriane Lefebvre
Marta Barbedo
Marta Ricca
Marta Silva
Natalie Sturm
Oriana Padrón
Rosário Figueiredo
Rosita Reis
Sara Martins
Susana Vaz Freitas
Victoria Oliveira
Alexandra Cruz
Ana Freitas
Ana Teixeira
Beatriz Rangel
Cármem Guimarães
Catarina Madruga
Daniela Rodrigues
Elisa Azevedo
Filipa Santos
Inês Catarino
Joana Costa Gomes
Mariana Lopes
Marianne Jan
Olímpia Pinheiro
Rita Almeida
Sofia Paz Dias
Susana Loureiro

Contraltos

Carmen Cardoso
Céu Cordeiro
Cláudia Ferreira
Cláudia Rangel

Eduarda Coelho
Isabel Malheiro
Joana Malheiro
Judit Tóth
Lara Medicis
Maria Vieira
Mary Gomes
Renata Pinho
Rita Morais
Vitória Branco
Viviana Andrade
Amélia Chaves
Bárbara Seabra
Beatriz Valle
Cristina Pinto
Helena Nunes
Isabel Pinho
Joana Teixeira
Luísa Alvim
Mafalda Basto
Maria Barros
Maria Manuel Brandão
Raquel Gonçalves
Sofia Ferreira
Susana Lino
Teresa Aguiar
Vanessa Lage

Tenores

Cliff Pereira*
Diamantino Catarino
Fernando Pimenta*
Mário Sousa
Adrián Pérez
António Jorge Pires*
Daniel Duarte
David Amaral
Filipe Cerqueira*
Francisco Tenreiro*
Jorge Tavares
Ricardo Silva

Baixos

António Cunha
Carlos Marrero
Carmino Carvalho*
Gustavo Urbano*
Joaquim Faria

Manuel Cardoso*
Mário Martins
Miguel Hespanhol*
Nuno Gonçalves*
Tomás Franco
Alex Brás
João Oliveira*
Manuel Pinto
Pedro Valle*
Sérgio Faria

Maestro adjunto

Pedro Teixeira

Pianista correpetidor

Filipe Cerqueira

* Intérpretes de *Um sobrevivente de Varsóvia* (Schoenberg).

Operação Técnica

Iluminação

Bruno Mendes

Palco

Alfredo Braga
Carlos Almeida
José Vilela

Som

Carlos Lopes

Próximos concertos

23 SÁBADO 21:30 SALA 2

Future Rocks

serviço educativo · os nossos concertos

24 DOMINGO 21:00 SALA SUGGIA

Beatriz Rosário

promotor: Palmas ao Palco

27 QUARTA 19:00 SALA 2

Em Pessoa

serviço educativo · ao alcance de todos

Sofia Teixeira e Inês Luzio conceção artística

Instituto Português de Afasia interpretação

27 QUARTA 19:00 CIBERMÚSICA

Apresentação do livro “Callas e os seus duplos”

João Pedro Cachopo autor

Daniel Moreira apresentador

27 QUARTA 21:00 SALA SUGGIA

Orquestra Barroca Casa da Música

Laurence Cummings direção musical

Rowan Pierce soprano

Joana Seara soprano

Josep-Ramon Olive barítono

Pedro Castro oboé

Andreia Carvalho oboé

Obras de **François Couperin, José Joaquim dos Santos,**

Antonio Vivaldi, Tomaso Albinoni e Georg Friedrich Händel

28 QUINTA 21:30 CAFÉ

Marquise

30 SÁBADO 22:00 SALA SUGGIA

Orquestra Jazz de Matosinhos & Ricardo Ribeiro

Pedro Guedes direção musical

Ricardo Ribeiro voz

João Paulo Esteves da Silva piano

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

